

Orações gerundivas como complemento verbal no português brasileiro

(Gerund clauses as verbal complements in Brazilian Portuguese)

Patrícia Rodrigues¹, Maria Beatriz Pacca²

^{1,2}Universidade Estadual de Londrina (UEL)

patricia@uel.br, macbel@sercomtel.com.br

Abstract: This paper examines some syntactic aspects of gerundive clauses in Brazilian Portuguese in sentences like *O técnico brasileiro quer o time atacando muito*. At first sight, this gerundive appears to have the same structure as the gerundive in *O professor surpreendeu os alunos fumando na sala de aula*, which is often analyzed as an object-oriented secondary predicate or as a nominal modifier. However, a closer look reveals that these constructions show a different behavior and that the mentioned analyses are inadequate to the first type of gerundive. The aim of this work is to discuss the differences between these two gerundive clauses, and propose that the first one forms a single clausal constituent, complement of the matrix verb.

Keywords: gerundive clauses; complementation; secondary predicate.

Resumo: Este trabalho examina alguns aspectos da sintaxe das orações gerundivas do português brasileiro em sentenças como (1) *O técnico brasileiro quer o time atacando muito*. À primeira vista, essas construções parecem possuir a mesma estrutura da gerundiva em (2) *O professor surpreendeu os alunos fumando na sala de aula*, comumente analisada como um adjunto predicativo do objeto do verbo principal ou como um adjunto adnominal. No entanto, um exame mais acurado mostra que essas construções possuem comportamento diferente e que as análises mencionadas não são adequadas para a oração de gerúndio da sentença (1). O objetivo deste trabalho é, pois, discutir as diferenças entre esses dois tipos de gerundivas, argumentando que o primeiro forma um constituinte único oracional complemento do verbo principal.

Palavras-chave: orações de gerúndio; complementação; predicado secundário.

Introdução

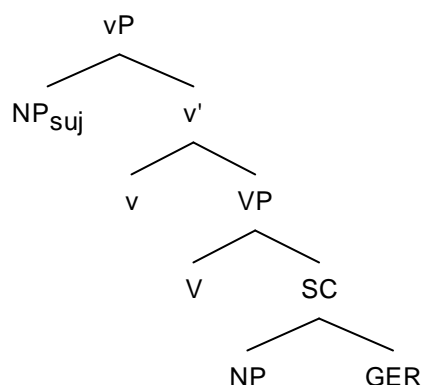
Este trabalho examina alguns aspectos da sintaxe das orações gerundivas do português brasileiro que aparecem em construções como as ilustradas em (1).¹ À primeira vista, essas construções parecem possuir a mesma estrutura das construções em (2), em que a gerundiva é comumente analisada como um adjunto predicativo do objeto do verbo principal, no caso de (2a), ou como um modificador nominal, no caso de (2b). No entanto, um exame mais acurado dessas construções mostra que as sentenças em (1) possuem comportamento diferente das sentenças em (2) e sugere que as análises mencionadas não são adequadas para as construções em (1).

- (1) a Mesmo assim, o técnico brasileiro quer o time atacando muito. (par=28054)
b Estamos como uma mulher grávida de nove meses, que não aguenta mais gente falando de gravidez e querendo tocar a barriga. (par=Esporte-96a-17-52)
- (2) a O professor surpreendeu os alunos fumando na sala de aula.
b Pedro recebeu uma caixa contendo seus pertences.

¹ Dados do Corpus NILC, que contém majoritariamente textos jornalísticos, mas também cartas comerciais e textos didáticos, disponível no projeto AC/DC – projeto de acesso e disponibilização de corpora do português – no endereço <http://www.linguateca.pt/ADCD>.

O objetivo principal deste trabalho é discutir as diferenças existentes entre os dois tipos de construção e argumentar que as gerundivas em (1) formam um constituinte único oracional complemento do verbo principal, ou seja, uma *small clause* complemento. O termo *small clause* refere-se à sequência de constituintes XP YP que entram em uma relação de predicação, em que YP pode conter um sintagma adjetival, um sintagma nominal, um sintagma preposicional ou um verbo numa forma não finita. Embora a questão de saber se a *small clause* forma ou não um constituinte ainda seja debatida, adota-se, neste trabalho, a posição de Stowell (1983), de que as *small clauses* formam um constituinte e a relação sujeito-predicado é estrutural, contra a posição de Williams (1983), para quem as *small clauses* não existem – isto é, a sequência XP YP não forma um constituinte – e a relação sujeito-predicado é indicada por indexação. Dessa forma, adota-se a hipótese de que a estrutura das sentenças em (1) corresponderia à representação em (3), em que o gerúndio juntamente com o sintagma nominal que o precede formam um único constituinte complemento do verbo matriz. Como não se discute neste trabalho a estrutura interna desse constituinte, ele está identificado apenas pelo rótulo SC.

(3)



Para argumentarmos pela análise das orações de gerúndio em (1) como *small clauses* complemento, discutiremos, em primeiro lugar, as diferenças que podem ser observadas entre os dois grupos de sentenças com relação aos tipos de complementos que seus predicados apresentam, e, em seguida, aplicaremos às sentenças testes relativos a acarretamento semântico, extração a partir do complemento, movimento, distribuição de advérbios e utilização de expressões idiomáticas. O resultado desses testes sugere que as orações gerundivas em (1) formam um constituinte único com o NP que segue o verbo principal, diferentemente das orações gerundivas em (2), que seriam mais bem analisadas como um predicado secundário e um modificador do nome, respectivamente.

Este trabalho discute ainda algumas propriedades das construções em (1), como o tipo de verbo matriz que aceita complementos gerundivos e os tipos de complemento que podem alternar com o gerúndio nesses casos. Discute-se igualmente o tempo na oração subordinada e a interpretação do seu sujeito.

Na primeira seção, apresentamos os dados estudados, bem como um breve resumo sobre as possibilidades de ocorrência das orações de gerúndio em português. Na seção seguinte, estabelecemos as diferenças entre as gerundivas objeto desta pesquisa e outros tipos de gerundivas. Em seguida, realizamos uma breve discussão sobre as

propriedades dos verbos matrizes das construções em estudo. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

A oração de gerúndio

Considerando-se a classificação tradicional, com relação à forma, as orações de gerúndio são chamadas de orações Reduzidas, porque, contrariamente às orações Desenvolvidas, são caracterizadas pela ausência de conectivo explícito e apresentam verbo na forma nominal (da mesma maneira que as orações de infinitivo e de particípio). Com relação à função no período, as orações são classificadas em Substantivas, Adjetivas e Adverbiais. As orações gerundivas são comumente analisadas ou como Adjetivas (4) ou como Adverbiais (5). De acordo com as definições apresentadas, as orações subordinadas adjetivas exercem a função de adjunto adnominal e as orações subordinadas adverbiais exercem a função de adjunto adverbial. Supõe-se, assim, que as orações reduzidas de gerúndio funcionam em (4) como adjunto adnominal e em (5) como adjunto adverbial.

- (4) a Virou-se e viu a mulher [dando com a mão] [...] (CUNHA; CINTRA, 2000, p. 614.)
b Encontrei os alunos [dançando no meio da sala.] (FARACO; MOURA, 2001, p. 492.)
c Compramos uma fita [explicando o funcionamento do DVD.] (HENRIQUES, 2008, p. 141)
- (5) a [Conhecendo o seu passado], confio no seu futuro. (ROCHA LIMA, 2001, p.276)
b [Pensando bem], tudo aquilo era muito estranho. (CUNHA; CINTRA, 2000, p. 616.)
c Um homem agigantado [...] saiu da choupana [murmurando sons mal articulados.] (BECHARA, 1992, p. 166)

Essa análise não se apresenta, entretanto, sem problemas. Um olhar mais atento sobre as construções em (4) e em (5) nos mostra que as orações de gerúndio exercem, além da função de adjunto adnominal (4c) e de adjunto adverbial (5a-b), a função de predicativo (4a-b) e (5c). Por exemplo, as orações de gerúndio em (4a-b) e (5c) estão ocupando exatamente a posição de um predicativo do objeto, como se pode observar em uma comparação com (6). Pode-se observar ainda que as paráfrases mais adequadas para as orações (4a-b) e (5c) são aquelas em (7a-c), e não aquelas em (7a'-c'). Por outro lado, a paráfrase para a construção em (4c) só pode ser aquela em que a desenvolvida exerce a função de adjunto adnominal (8).

- (6) a Virou-se e viu a mulher [sentada].
b Encontrei os alunos [parados no meio da sala].
c Um homem agigantado [...] saiu da choupana [assustado].
- (7) a Virou-se e viu a mulher enquanto ela dava com a mão.
a' Virou-se e viu a mulher que dava com a mão.
b Encontrei os alunos enquanto eles dançavam no meio da sala.
b' Encontrei os alunos que dançavam no meio da sala.
c Um homem agigantado murmurava sons mal articulados enquanto saía da choupana.
c' Um homem agigantado saiu da choupana enquanto murmurava sons mal articulados.
- (8) a *Compramos uma fita enquanto ela explica o funcionamento do DVD.
a' Compramos uma fita que explica o funcionamento do DVD.

A análise das orações de gerúndio como predicativo está presente em estudos linguísticos mais atuais (BORGES NETO; FOLTRAN, 2001), com a denominação de predicados secundários, que podem ser orientados tanto para o objeto quanto para o sujeito do verbo principal. Os autores mencionam que os casos em que o gerúndio aparece predicando de um objeto são raros, citando apenas exemplos com verbos de percepção e com o verbo *encontrar*, de que vimos exemplos em (4). Já os casos em que o gerúndio forma um predicado secundário voltado para o sujeito são, segundo eles, de ocorrência ampla e irrestrita. Em (9), seguem dois exemplos.

- (9) a O João escreve no computador cantando.
b O Pedro trabalha vendendo alimentos.

Borges Neto e Foltran (2001) reconhecem igualmente a leitura atributiva do gerúndio, quando este é empregado dentro do sintagma nominal, como no caso de (10).

- (10) Água fervendo é um perigo.

As análises de predicado secundário ou de modificador nominal, no entanto, não se revelam adequadas aos dados do PB que constituem o objeto desta pesquisa, ilustrados em (1) e repetidos em (11).

- (11) a Mesmo assim, o técnico brasileiro *quer o time atacando* muito. (par=28054)
b Estamos como uma mulher grávida de nove meses, que não aguenta mais *gente falando de gravidez e querendo tocar a barriga*. (par=Esporte-96a-17-52)

À primeira vista, essas construções parecem possuir a mesma estrutura das construções em (2), cujas gerundivas, como vimos, são analisadas ou como um predicado secundário orientado para o objeto (2a) ou como um modificador nominal (2b). Contudo, um exame mais acurado dessas construções revela que as sentenças em (2) e em (11) possuem comportamentos diferentes. Na seção que segue, apresentaremos algumas propriedades dessas orações de gerúndio que sugerem que elas formariam com o NP que segue o verbo principal um constituinte único, ou seja, uma *small clause* complemento, diferentemente da gerundiva em (2a), que seria melhor analisada como um predicado secundário (uma *small-clause* adjunto), e da gerundiva em (2b), melhor analisada como um modificador nominal.

A oração de gerúndio como complemento verbal

A análise das gerundivas como constituinte único oracional já foi proposta para as orações de gerúndio presentes nas construções com um verbo de percepção (12) por Rodrigues (2006), que considera que essas construções são, na verdade, ambíguas, podendo receber três análises diferentes: i) um constituinte de tipo NP complexo, em que o gerúndio é um modificador do nome, parafraseada em (13a); ii) dois constituintes

distintos – um NP objeto do verbo de percepção seguido de um predicado secundário, parafraseada em (13b) ; e iii) um constituinte único oracional complemento do verbo de percepção, isto é, uma *small clause* complemento, parafraseada em (13c) – o NP que segue o verbo de percepção não é objeto desse verbo, mas sujeito estrutural do predicado subordinado.

- (12) Maria viu o menino vendendo bala na esquina.
- (13) a Maria viu o menino que vendia bala na esquina.
 b Maria viu o menino enquanto ele/ela vendia bala na esquina.
 c Maria viu o evento do menino vendendo bala na esquina.

Moutella (1995), Lopes (2004) e Mória e Viotti (2004) também sugerem que, no caso dos verbos de percepção, a gerundiva formaria um constituinte único objeto desse verbo. No entanto, Lobo (2001, 2006), por exemplo, considera que as gerundivas possuem um caráter intrinsecamente predicativo ou verbal, o que as impediria de ocorrer em posições argumentais, e propõe a análise de adjunto predicativo para essas construções.

Para argumentar a favor da análise das gerundivas em (1) como constituintes únicos oracionais, mostraremos que várias diferenças podem ser observadas entre essas sentenças e as sentenças em (2).

Tipos de complemento

Nas sentenças em (1), a gerundiva pode alternar-se com uma oração no subjuntivo (14), enquanto nas sentenças em (2) isso não é possível: os verbos *surpreender* e *receber* não aceitam complementos oracionais (15).

- (14) a O técnico brasileiro quer que o time ataque muito.
 b ...que não aguenta mais que se fale de gravidez....
- (15) a *O professor surpreendeu que os alunos fumem/fumam na sala de aula.
 b *Pedro recebeu que uma caixa contenha/contém seus pertences.

Carreira (2008) observa que o fato de os verbos aceitarem complementos oracionais plenos não garante que eles aceitem também como complemento uma *small clause*. O autor ilustra esse fato com exemplos com o verbo *saber* (16).

- (16) a O Harry Potter sabe que a Hermioni é inteligente.
 b *O Harry Potter sabe a Hermioni inteligente.

Dessa forma, a substituição por uma completiva em (14) não constitui um teste conclusivo para argumentar a favor da análise das orações de gerúndio em (1) como *small clauses*. Ainda assim, é fato que os verbos dessas sentenças aceitam um complemento oracional, o que deixa em aberto a possibilidade de que o gerúndio seja uma *small clause*. Além disso, vale notar que o complemento oracional de *saber* deve

estar no indicativo, enquanto o complemento oracional dos verbos abordados neste artigo aparecem no subjuntivo.

Acarretamento

Quando se observa os padrões de acarretamento das sentenças em (1) e em (2) verifica-se que existe uma diferença entre eles. Diferentemente de (18), as sentenças (a-b) em (17) não acarretam as sentenças (a'-b'). Esse teste mostra que as estruturas das sentenças em (1) e em (2) são necessariamente diferentes. As análises em que o sintagma nominal que segue o verbo principal é objeto desse verbo não podem ser consideradas para as sentenças em (1).

- (17) a O técnico brasileiro quer o time atacando muito.
a' #O técnico brasileiro quer o time.
b [...] uma mulher grávida de nove meses, que não aguenta mais gente falando de gravidez e querendo tocar a barriga.
b' #[...] uma mulher grávida de nove meses, que não aguenta mais gente.
- (18) a O professor surpreendeu os alunos fumando na sala de aula.
a' O professor surpreendeu os alunos.
b Pedro recebeu uma caixa contendo seus pertences.
b' Pedro recebeu uma caixa.

Extração

A extração a partir da oração de gerúndio é possível para a sentença em (19), com o verbo *querer*, mas impossível para a sentença em (20), com o verbo *surpreender*. Dado que a extração a partir de um argumento é possível, enquanto a extração a partir de um adjunto constitui uma violação das restrições sobre movimento, pode-se concluir que a oração de gerúndio em (19) é argumento de *querer*, ao passo que a oração de gerúndio em (20) é adjunto de *surpreender*.

- (19) a O professor não quer os alunos fumando charuto na sala de aula.
b O que (que) o professor não quer os alunos fumando na sala de aula ?
- (20) a O professor surpreendeu os alunos fumando charuto na sala de aula.
b *O que (que) o professor surpreendeu os alunos fumando na sala de aula?

Movimento

Considerando-se que uma sequência que pode ser movida em uma sentença forma um constituinte (CARNIE, 2002), o fato de a sequência NP + gerúndio em (1) poder ser frontada ou pseudoclivada (21) atesta que essa sequência forma um constituinte. Mais importante é observar que esses tipos de movimento não são possíveis para a sequência NP + gerúndio em (2), como ilustrado em (22), o que sugere fortemente uma diferença na estrutura dessas construções.

- (21) a Os alunos fumando na sala de aula, o professor não quer.
b Os alunos fumando na sala de aula, é o que o professor não quer.
- (22) a *Os alunos fumando na sala de aula, o professor surpreendeu.
b *Os alunos fumando na sala de aula, é o que o professor surpreendeu.

Interpretação dos advérbios

A distribuição sintática dos modificadores adverbiais pode igualmente ajudar a entender a estrutura das orações de gerúndio estudadas. Os advérbios, de acordo com Stowell (1991), possuem alcance no constituinte em que aparecem. Assim, nas sentenças em análise, se um advérbio aparecendo entre o sintagma nominal e o gerúndio pode modificar o verbo principal, podemos pensar que esse sintagma nominal faz parte da oração matriz, ou seja, que ele é objeto desse verbo. É o caso da sentença em (23a), em que o advérbio *frequentemente* possui alcance sobre *surpreender*. Dessa forma, o sintagma nominal *Maria* pode ser analisado como objeto do verbo *surpreender*. Não é, no entanto, o caso da sentença em (23b), em que o advérbio *frequentemente* não possui alcance sobre o verbo *querer*. Isso indica que o gerúndio em (23b) forma com o sintagma nominal *a Maria* um constituinte oracional único, estabelecendo um domínio para a interpretação do advérbio. Confirmando essa análise, tem-se a aceitabilidade da sentença em (24a), em que um advérbio – *raramente* – modifica o verbo *querer* e outro – *frequentemente* – modifica o complemento, e a inaceitabilidade da sentença em (24b), com os dois advérbios.

- (23) a João surpreendia a Maria frequentemente trabalhando.
b João queria a Maria frequentemente trabalhando.
- (24) a João queria raramente a Maria frequentemente trabalhando.
b #João surpreendia raramente a Maria frequentemente trabalhando.

Expressões idiomáticas

As expressões idiomáticas formadas por um sintagma nominal sujeito fixo e por um sintagma verbal podem contribuir para mostrar que as orações de gerúndio com verbos do tipo de *querer* formam um constituinte único oracional. Essas construções são geralmente vistas como unidades sintáticas que carregam um significado idiossincrático, cujo sujeito não é referencial. Assim, o fato de poderem aparecer como complemento do verbo *querer*, como nos exemplos em (25), indica que o sintagma nominal que segue esse verbo não pode ser analisado como seu objeto. Em outras palavras, esse sintagma nominal só pode ser entendido como sujeito da encaixada, e não como objeto do verbo matriz. Nos exemplos em (25), o que se deseja, efetivamente, é o evento denotado pela expressão idiomática: nem o sintagma nominal *a vaca* em (25a) nem o sintagma nominal *o bicho* em (25b) podem ser considerados como objeto do verbo volitivo. Por outro lado, essas expressões idiomáticas com o verbo no gerúndio não são possíveis com verbos do tipo de *surpreender* (26).

- (25) a Não queremos a vaca indo pro brejo por causa da crise.
b Pedro não queria o bicho pegando desse jeito.
- (26) a #Nós encontramos a vaca indo pro brejo.
b ??Pedro surpreendeu o bicho pegando.

Vimos nessa seção que, apesar de sua aparente semelhança, as orações de gerúndio apresentadas em (1) são distintas das orações de gerúndio apresentadas em (2). Os testes realizados sugerem que as gerundivas em (1) formam um constituinte único oracional, diferentemente das gerundivas em (2). Na seção que segue, busca-se identificar outros verbos que aceitam complementos gerundivos e discutir algumas propriedades dessas construções.

Propriedades das construções com gerúndio complemento

Os verbos que aceitam complementos gerundivos parecem se restringir aos verbos conhecidos como psicológicos com o experienciador na posição de sujeito. Em (27), temos alguns exemplos desses predicados.

- (27)
- a O professor não quer [os alunos fumando na sala de aula].
 - b Eu prefiro [meus filhos viajando comigo].
 - c Não aguento [estrangeiros falando mal de meu país].
 - d Não suporto [a Maria chorando].
 - e Pedro aceitou [os alunos fumando na sala].
 - f Eu lamento [esses garotos chegando tarde todos os dias].

As gerundivas em (27b-f) se comportam da mesma forma que a gerundiva em (27a), testada na seção anterior. Por exemplo, em (28), pode-se observar esse comportamento com relação ao teste de acarretamento e em (29), com relação ao teste de movimento. Dessa forma, consideramos as gerundivas entre colchetes em (27) como constituintes únicos oracionais complementos do verbo matriz.

- (28)
- a #O professor não quer os alunos.
 - b #Eu prefiro meus filhos.
 - c #Não aguento estrangeiros.
 - d #Não suporto a Maria.
 - e #Pedro aceitou os alunos.
 - f *Eu lamento esses garotos.
- (29)
- a Os alunos fumando na sala de aula, é o que o professor não quer.
 - b Meus filhos viajando comigo, é o que eu prefiro.
 - c Estrangeiros falando mal de meu país, é o que eu não aguento.
 - d A Maria chorando, é o que eu não suporto.
 - e Os alunos fumando na sala, é o que Pedro aceitou.
 - f Esses garotos chegando tarde todos os dias, é o que eu lamento.

Além de esses predicados apresentarem em comum um sujeito experienciador, eles também aceitam complementos no subjuntivo, mas não no indicativo, como se vê em (30).

- (30)
- a O professor não quer que os alunos fumem / *fumam na sala de aula.
 - b Eu prefiro que meus filhos viajem / *viajam comigo.
 - c Não aguento que estrangeiros falem / *falam mal de meu país.
 - d Não suporto que a Maria chore / *chora.
 - e Pedro aceitou que os alunos fumem / *fumam na sala.
 - f Eu lamento que esses garotos cheguem / *chegam tarde todos os dias.

Ainda, da mesma forma que o subjuntivo, tal como observado por diversos autores (KEMPCHINSKY, 1985; FARKAS, 1992; SANTOS, 1996), o complemento gerundivo apresenta também uma interpretação disjunta do seu sujeito em relação ao sujeito da oração principal (31).

- (31)
- a Os professores_i não querem [eles_{*i/j} fumando na sala de aula].
 - b Meus filhos_i preferem [eles_{*i/j} viajando comigo].
 - c Meus amigos_i não aguentam [eles_{*i/j} falando mal de nosso país].
 - d A Maria_i não suporta [ela_{*i/j} chorando].
 - e Pedro_i aceitou [ele_{*i/j} fumando na sala].
 - f Os garotos_i lamentam [eles_{*i/j} chegando tarde todos os dias].

Entretanto, quando observa-se o tempo na oração subordinada, percebe-se que esses predicados não se comportam da mesma forma. Apenas os predicados *querer*, *preferir* e *aceitar* permitem que o tempo da subordinada seja diferente do tempo da matriz (32).

- (32)
- a O professor não queria ontem [os alunos fumando hoje na sala de aula].
 - b ?Eu preferia no ano passado [meus filhos viajando comigo no ano que vem].
 - c *Não aguentei ontem [estrangeiros falando mal de meu país hoje].
 - d *Não suportei ontem [a Maria chorando hoje].
 - e Pedro aceitou ontem [os alunos fumando na sala hoje].
 - f *Eu lamentei ontem [esses garotos chegando tarde amanhã].

Esse breve exame de algumas das propriedades das construções com gerúndio como complemento teve como objetivo mostrar que, se por um lado a classe de predicados que aceita esses complementos possui comportamentos semelhantes, ela não é totalmente homogênea. Assim, pode-se concluir que é importante examinar esses verbos do ponto de vista da classe semântica à qual pertencem, para determinar o papel da interpretação semântica na escolha dos tipos desses complementos.

Considerações finais

O objetivo principal deste trabalho foi mostrar que as orações de gerúndio presentes em construções com verbos do tipo de *querer* e de *aguardar*, como nos exemplos em (1), formam com o sintagma nominal que as antecede um constituinte único oracional – uma *small clause*. Em outras palavras, esse sintagma nominal não é objeto do verbo principal, mas sujeito do gerúndio. Os testes de constituência realizados sugerem que essa é uma análise viável. Partindo da hipótese de que essa análise está correta, examinamos algumas propriedades desses complementos e vimos que é importante investigá-las mais detalhadamente, principalmente no que diz respeito à sua seleção. É igualmente importante que se busque uma ampliação do *corpus* de predicados que aceitam uma oração de gerúndio como complemento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. *Lições de Português pela Análise Sintática*. Rio de Janeiro: Padrão, 1992.
- BORGES NETO, J.; FOLTRAN, M. J. Construções com gerúndio. In: COLÓQUIO PORTUGUÊS EUROPEU-PORTUGUÊS BRASILEIRO: UNIDADE E DIVERSIDADE NA PASSAGEM DO MILÊNIO, Lisboa. *Anais do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2001. p. 725-735.
- CARNIE, A. *Syntax: a generative introduction*. Cambridge, MA: Blackwell, 2002
- CARREIRA, M. *Diagnósticos de Constituência para Construções Predicativas Adjetivais*. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FARACO, C.; MOURA, F. *Gramática*. São Paulo: Ática, 2001.
- FARKAS, D. On Obviation. In : SAG, I. et al. (Orgs). *Lexical Matters*. Stanford: CSLI, 1992. p. 85-109.

- HENRIQUES, C. C. *Sintaxe : estudos descritivos da frase para o texto*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- KEMPCHINSKY, P. The Subjunctive Disjoint Reference Effect. In : NEIDLE, C. et al. (Orgs). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1985. p. 123-140.
- LOBO, M. Dependências temporais: a sintaxe das orações subordinadas gerundivas do português. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 1-2, n. 10, 2006. Disponível em : <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo055.pdf>
- _____. On gerund clauses of Portuguese dialects. In: VEIGA, A. et al. (Orgs). *El Verbo: Entre el Léxico y la Gramática*. Lugo: Ed. Tris Tram, 2001. p.107-118.
- LOPES, J. M. *Orações gerundivas Adjetivas no Português do Brasil*. 83 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- MÓIA, T.; VIOTTI, E. Differences between EP and BP in the use of the ‘gerúndio’. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 3, p. 111-139, 2004.
- MOUTELLA, E. M. R. *O gerúndio oracional em português*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 1995.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2001.
- RODRIGUES, P. *Les compléments infinitifs et gérondifs des verbes de perception en portugais brésilien*. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Université du Québec à Montréal, Montreal, 2006.
- SANTOS, J. S. *Ligação não seletiva de subjuntivos*. 1996. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 1996.
- STOWELL, T. Subject across categories. *The Linguistic Review*, New York, v. 2, p. 285–312, 1983.
- _____. Small Clause Restructuring. In: FREIDIN, R. (Org). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1991. p. 182-218.
- WILLIAMS, E. Against Small Clause. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 14, p. 287-308, 1983.